

O RAIAR DE UMA ESTRELA

Eu não conheço um botafoguense sequer que não tenha orgulho de ostentar nossa Estrela Solitária no peito. Já conheci vários, inclusive, que não se contentaram em tê-la estampada na camisa e a tatuaram na própria pele. Mas o certo é que, mais do que na bandeira, na camisa, no boné, na faixa de campeão ou na própria pele, o botafoguense leva a Estrela Solitária dentro do peito.

Daí o título deste livro, que celebra os 70 anos da fusão do Botafogo Football Club com o Club de Regatas Botafogo, formando o glorioso Botafogo de Futebol e Regatas, pois foi justamente essa fusão que colocou a estrela d'alva, que guiava nossos remadores, no peito de todos os botafoguenses.

O torcedor alvinegro, como poucos, venera sua história, seus craques, suas conquistas. Por isso mesmo, este livro pretende resgatar uma das passagens mais importantes da trajetória dos dois clubes de Botafogo que se tornaram um só.

Nas próximas páginas, vou convidar você a viajar no tempo. Voltaremos até a época em que o Rio de Janeiro, então sede da Corte Imperial, e o esporte não conviviam. Um tempo em que, no máximo, havia touradas e eventuais corridas de cavalo para entreter a população. A partir de então, seguiremos mostrando como as atividades físicas começaram a fazer parte do dia a dia da cidade, principalmente, por influência dos imigrantes que aqui chegaram.

Você vai ver que o turfe, durante muitos anos, foi o principal atrativo esportivo do Rio de Janeiro e de que forma ele foi suplantado pelo remo, esporte responsável pelo surgimento de alguns dos grandes clubes cariocas como, por exemplo, o nosso Botafogo, fundado em 1894, já no Brasil República.

Ainda por conta da influência estrangeira e de muitos brasileiros que lá fora estudaram, o futebol plantou sua semente em terras tupiniquins. Veremos como ela brotou fácil e cresceu forte. O Botafogo Football Club tornou-se o primeiro clube formado apenas por brasileiros. O Fluminense, por exemplo, era quase um protetorado britânico situado no bairro das Laranjeiras.

Registrar as trajetórias dos dois Botafogo, desconhecidas para muitos, é fundamental para entendermos os alicerces da nossa paixão em preto e branco. São histórias que transcorreram em paralelo, até que um episódio trágico as unisse. A morte do jogador de basquete Armando Albano, em plena quadra, numa partida entre o Botafogo F.C e o C.R. Botafogo foi o estopim de uma união que parecia óbvia, mas que teimava em não se concretizar.

O livro presta um tributo a Armando Albano e mostra que ele foi muito mais que apenas um nome nessa história. Habilidade e determinado, conseguiu todos os maiores títulos que poderia conquistar em sua época, integrando, inclusive, a primeira delegação brasileira de basquetebol em Jogos Olímpicos, em Berlim, em 1936. A camisa alvinegra ensanguentada que ele usava na fatídica partida, até hoje guardada pela família, é um símbolo do amor pelo clube e um relíquia histórica para o Botafogo.

Então? Vamos entrar nessa máquina do tempo e descobrir, de vez, como é que essa estrela veio parar em nosso peito?

O *SPORT* NO RIO DE JANEIRO

A história do esporte no Rio de Janeiro envolve diversos aspectos ligados à evolução da nossa sociedade, principalmente, após nos tornarmos um país independente, em 1822. Sua implantação está diretamente ligada a questões como a inserção social, o racismo e a identidade regional.

Depois que os ecos do Grito do Ipiranga cessaram, passamos a viver o sonho de abandonar de vez a pecha de colônia portuguesa e de nos transformarmos em um país forte, progressista. O modelo a ser seguido era o europeu, mais precisamente, os exemplos francês e britânico, sinônimos de cultura e desenvolvimento. E foi essa busca pela identificação com o Velho Mundo que permitiu a entrada do esporte em nosso país.

“Sede do governo, a cidade era o principal porto de entrada do país. Pelo Rio de Janeiro chegavam os produtos industrializados e refinados do ‘mundo civilizado europeu’, bem como as modas e costumes, novas práticas culturais. Assim o esporte chega ao Rio de Janeiro e, de certa forma, ao Brasil, entre tais manifestações culturais”, afirma o historiador Victor Andrade de Melo.

Como ia dizendo, havia uma enorme necessidade de fortalecer a imagem do Brasil. Não só lá fora, mas aqui dentro também. Muitos brasileiros adotavam o discurso de que éramos um “povo menor”, fisicamente inferior, principalmente, por culpa de nossa miscigenação. Era preciso que nos aprimorássemos como povo e, para isso, adotar práticas europeias de

educação intelectual e física se fazia necessário. Juntamente com os esforços de saneamento da cidade, implantados pelo sanitarista Oswaldo Cruz, surgiu um projeto de implantação da Educação Física nos estabelecimentos de ensino. Um de seus maiores defensores era o “Águia de Haia”, Rui Barbosa, como nos conta a historiadora Cláudia Maria de Farias.

Sinalizando para a ação regeneradora da Educação Física, o jurista e político brasileiro apresentou, em 1882, na Câmara do Deputados, um conjunto de medidas necessário para que a ginástica se integrasse aos currículos escolares, sob o título ‘Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública’, baseado em parecer favorável a um projeto já exposto em 1879. Preocupado em viabilizar a industrialização e modernização do país, Rui Barbosa alertava seus contemporâneos para a importância pedagógica da ginástica na constituição física e moral da Nação, comungando em sua argumentação, das expectativas sociais do ideário médico higienista sobre o futuro da raça, num contexto marcado pela substituição do trabalho escravo e por graves surtos epidêmicos.

A ideia de que precisávamos de esportes para nos tornarmos um país avançado, porém, gerou algumas situações curiosas. Tratou-se de denominar *sport*, todo e qualquer tipo de competição, como as corridas de cachorros, as brigas de galo e as touradas, por exemplo.

As touradas, por sinal, já eram realizadas no Rio de Janeiro desde o século XVIII e tiveram diversas arenas, algumas provisórias, como as da rua do Lavradio, na Lapa, e Marquês de Abrantes, no Flamengo; outras, no entanto, eram mais bem estruturadas, como a do Campo de Santana e a que foi erguida na rua Ipiranga, em Laranjeiras.

Como a cidade recebia muitos imigrantes, novas atividades surgiam por todos os cantos da cidade. Os italianos jogavam bocha; os espanhóis, pelota basca; e os ingleses, tênis e *cricket*.

“A cidade do Rio de Janeiro, nesse período, alcançava uma população de aproximadamente 200 mil habitantes. As colônias estrangeiras podiam ser vistas divertindo-se com jogos, até então desconhecidos, no British *Cricket* Club, em São

Cristóvão, e no British Rowing Club, em Botafogo. O tiro ao alvo também já era explorado pelo imigrante em organizações como a Société du tir a la carabine”, lembra o pesquisador Fernando Garrido.

Uma outra atividade que ganhou bastante espaço no final do século XIX foi a patinação sobre rodas. Vários *skating rinks* foram construídos por toda a cidade.

“Apostava-se febrilmente nos páreos disputados nos frontões, belódromos e velódromos, construídos para trazer a novidade dos passatempos esportivos, tão em moda nas principais cidades europeias. Proporcionando à população carioca diversões públicas, tais como corridas de bicicletas, a pé, a cavalo, touradas, boliches e jogos de pelota, entre outros, os esportes começavam a despertar o interesse da elite brasileira, traduzindo-se numa nova maneira de viver e conviver nos espaços da cidade, que invadia o noticiário esportivo dos principais jornais da cidade, até então dominado quase que exclusivamente pelas competições turfísticas”, destaca a historiadora Cláudia Maria de Farias.

O TURFE

O turfe foi o primeiro esporte a alcançar grande popularidade por aqui. A construção de hipódromos criava espaço para as corridas de cavalos que, desde o começo do século, já vinham sendo organizadas por comerciantes ingleses nas areias da praia da Saudade (onde hoje se situa o Iate Clube do Rio de Janeiro).

A primeira iniciativa nesse sentido foi a inauguração do Club de Corridas, em 1849. O estabelecimento era o passo que faltava para que se organizasse, por aqui, corridas de acordo com as normas e regulamentos da escola inglesa. Alguns historiadores registram outros clubes anteriores como o Germânia (da colônia alemã) e a Assembleia Portuguesa (da colônia portuguesa, ora pois pois...), mas indicam o Club de Corridas como o primeiro clube estritamente esportivo da cidade. A administração se dava através de uma sociedade anônima, com capital de 40

contos de réis, que adquiriu um terreno pantanoso entre os bairros de São Francisco Xavier e Benfica e ali instalou o Prado Fluminense, primeiro hipódromo do Rio de Janeiro.

Dois anos depois, o Major João Guilherme Suckow (até hoje existe uma prova clássica do turfe carioca com o seu nome) negociou com os demais sócios e se tornou o único proprietário do Prado Fluminense. O ambiente era requintado, aristocrático, e buscava reproduzir os elegantes salões europeus. Na festa de abertura, mais de 4.000 pessoas estiveram presentes.

A Família Imperial também apreciava as corridas e não foram poucas as visitas do imperador Pedro II ao Prado Fluminense.

Em 1868, fazendeiros se uniram, reformaram o local e fundaram o Jockey Club, um marco na história do turfe na cidade. Em fins do século XIX, eram poucos os locais onde a elite carioca podia se reunir, e os hipódromos serviam muito bem a esse propósito. Era um local para ver e ser visto. Porém não eram frequentados apenas pelos endinheirados da cidade. A afluência de populares era bem grande, afinal eram eles que ajudavam a incrementar o movimento das apostas.

A expansão desse esporte, se é que o podemos chamar assim, corria a galope solto como mostra em seu livro, *Cidadesportiva*, o pesquisador Victor Andrade de Melo:

No final da década de 1880 e primeiros anos da década seguinte, a cidade do Rio de Janeiro já contava com cinco clubes de turfe: o Jockey



Derby Club, onde fica o Maracanã

Club (mais antigo), o Turf Club, o clube do Prado Guarani, o Hippodromo Nacional e o Derby Club. Este último surgiu em 1885, organizado por um grupo de sócios oriundos do extinto Derby Fluminense (que, por sua vez, era originário do Club de Corridas de Vila Isabel), liderado pelo famoso engenheiro André Gustavo Paulo de Frontin.

O Derby Club, localizado no terreno onde hoje se encontra o estádio do Maracanã, provocou uma cisão entre a elite do turfe carioca. O Jockey Club ganhava um concorrente de peso. Logo na sua inauguração, foram realizados nove páreos, com 82 cavalos. O público foi surpreendente, cerca de 10 mil pessoas. Inovador, o Derby Club possuía um cronógrafo elétrico, destinado a marcar com precisão o tempo de cada páreo.

Mas, com o correr dos anos e com o surgimento de outras atividades de interesse esportivo, como o remo e, posteriormente, o futebol, o turfe perdeu sua hegemonia. Em 1932, o Jockey Club e o Derby Club se fundiram para formar o Jockey Club Brasileiro. O número de hipódromos foi caindo até que só restou o Hipódromo da Gávea, inaugurado em 1926, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, na zona sul da cidade. Mesmo assim, durante boa parte do século passado, as corridas ainda atraíram um grande público.

